



SEÇÃO: TEMAS BÍBLICOS

Do olhar de Jesus à vista do cego de nascença: uma análise exegética de Jo 9,1-7

From the gaze of Jesus to the sight of the man born blind: an exegetical analysis of John 9,1-7

De la mirada de Jesús a la mirada del ciego de nacimiento: un análisis exegético de Juan 9,1-7

**Manoel da Silva
Andrade¹**

orcid.org/0000-00020930-9245
professordebiblia@gmail.com

Flávio Schmitt¹

orcid.org/0000-0002-7074-1213
flavio@est.edu.br

Recebido em: 18 jun. 2024.

Aprovado em: 8 jun. 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: Esta pesquisa, que tem como título "do olhar de Jesus à vista do cego" e como subtítulo "uma análise exegética de Jo 9,1-7", investigará a narrativa da cura do cego em Jo 9,1-7, seguindo os passos do método histórico-crítico sem, contudo, deixar de aplicar o método histórico-social a fim de que se possa elucidar melhor os diversos elementos presentes na história do suposto milagre. Nesta perspectiva, realizaremos uma breve introdução literária ao evangelho segundo João, tendo como objeto principal o assim denominado "livro dos sinais", onde se buscará elucidar a veracidade ou não da cura. Dando continuidade à nossa pesquisa, onde seguiremos alguns tópicos essenciais da exegese bíblica neo-testamentária, tais como tradução, crítica textual, delimitação, estrutura, entre outras, buscando assim contribuir de forma objetiva com as discussões atuais, tanto sob a perspectiva da crítica exegética como da pastoral.

Palavras-chave: Jesus olhou. Cego de nascença. Vai lavar-te. Retornou vendo.

Abstract: This research, which has as its title "the look of Jesus in the sight of the blind man" and as a subtitle "an exegetical analysis of John 9,1-7", will investigate the narrative of the healing of the blind man in John 9,1-7, following the steps of the historical-critical method without, however, ceasing to apply the historical-social method in order to better elucidate the different elements present in the history of the supposed miracle. From this perspective, we will provide a brief literary introduction to the gospel according to John, having as its main object the so-called "book of signs", where we will seek to elucidate the veracity or otherwise of the cure. Continuing our research, where we will follow some essential topics of New Testament biblical exegesis, such as translation, textual criticism, delimitation, structure, among others, thus seeking to contribute objectively to current discussions, both from the perspective of exegetical criticism and pastoral.

Keywords: Jesus looked. Blind from birth. Go wash yourself. He returned seeing.

Resumen: Esta investigación, que tiene el título "desde la mirada de Jesús ante los ojos del ciego" y el subtítulo "un análisis exegético de Juan 9,1-7", indagará en la narrativa de la curación del ciego en Juan 9,1-7, siguiendo los pasos del método histórico-crítico sin dejar por ello de aplicar el método histórico-social para dilucidar mejor los diferentes elementos presentes en la historia del supuesto milagro. Desde esta perspectiva, brindaremos una breve introducción literaria al evangelio según Juan, teniendo como objeto principal el llamado "libro de las señales", donde buscaremos dilucidar la veracidad o no de la curación. Continuando con nuestra investigación, donde seguiremos algunos temas esenciales de la exégesis bíblica del Nuevo Testamento, tales como traducción, crítica textual, delimitación, estructura, entre otros, buscando así contribuir de manera objetiva a las discusiones actuales, tanto desde la perspectiva de la crítica exegética como pastoral.

Palabras clave: Jesús miró. Cego de nacimiento. Ve a lavarte. Volvió viendo.



¹ Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, Brasil.

1 Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo desenvolver um estudo exegético e teológico do texto de João 9,1-7, extraindo dele alguns aspectos sobre o ato de Jesus que, a partir de sua sensibilidade, percebe o que ninguém havia percebido até então – um homem cego desde o nascimento – que pelo fato de ser cego, era obrigado a praticar a mendicância junto às portas do templo buscando sobreviver, uma vida de não existência. Esperamos que esta pesquisa contribua significativamente tanto para a comunidade acadêmica quanto para as comunidades de fé, contribuindo assim para a construção de uma visão mais crítica e um testemunho de vida mais convicto daqueles e daquelas que professam a fé em Jesus.

Dessa forma, apresentaremos um resumo das leituras feitas sobre o tema ao longo das pesquisas, mostrando como elas contribuíram para a elaboração do trabalho. Entendemos que os textos dos evangelhos são escritos com a finalidade de orientar as pessoas que compõem suas comunidades a quem o texto é dirigido. Busca-se mostrar como isso acontece em relação à comunidade joanina, principalmente, porque o quarto evangelho é particularmente diferente dos demais em relação ao modo como apresenta a pessoa e a missão de Jesus.

2 A narrativa da cura do cego de nascença Jo 9,1-7

Na história do cego de nascença, que ocupa todo o capítulo 9 de Jo, apesar de sua maior parte ser dominada por diálogos e controvérsias, a partir do v. 8, tudo gira em torno da afirmação/negação desta cura, bem como da busca do miraculado de legitimar Jesus como comissionado por Deus diante de um grupo que está disposto a negar tal milagre, deslegitimando assim Jesus como enviado de Deus. O que segue do v. 8 até o v. 41 consiste numa controvérsia sempre mais acalorada entre o homem curado que passa a ver cada vez mais em detrimento de seus antagonistas mostram-se cada vez mais céticos movidos

por uma ideologia que os cega cada vez mais.

Nesta perspectiva, faz-se necessária uma sucinta introdução aos "sinais joaninos", ou seja, as narrativas dos milagres de Jesus sob a perspectiva do autor da fonte Quelle e de sua comunidade que, evidentemente traz uma perspectiva teológica diferente da perspectiva sinótica.

Ao lermos o texto conclusivo do quarto evangelho, deparamo-nos com a síntese teológica a respeito dos σημείων "sinais" de Jesus: ταῦτα δὲ γέγραπται ἵνα πιστεύσητε ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, καὶ ἵνα πιστεύοντες ζωὴν ἔχητε ἐν τῷ ὀνόματι αὐτοῦ "Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que crendo, vida tenhais em o nome dele" (Jo 20,31). Em Jo, nota-se clara mudança de perspectiva a respeito das narrativas dos milagres de Jesus em relação aos sinóticos. Para aqueles, as δυνάμεις de Jesus são interpretadas como atos poderosos que acompanham a presença ativa do reinado de Deus entre os seres humanos (Tuñi Vancells; Alegre Santamaria, 2007, p. 34).

Embora os "sinais" sejam apresentados de forma proeminente ao longo do QE, especialistas veem diversos problemas nos significados e papéis dos "sinais", sobretudo no que diz respeito à definição, função e à relação entre σημείων καὶ πίστεως "sinais e fé" (Reid, 2012, p. 755).

No que diz respeito às histórias de milagres, o QE, concorda com os sinóticos ao reconhecer que Jesus realizou muitos sinais, apesar de narrar apenas sete. Os episódios da alimentação da multidão (Jo 6,1-15); da caminhada de Jesus sobre as águas (Jo 6,16-21) e da cura do filho de um funcionário da autoridade romana (Jo 4,46-54). Entretanto, os outros quatro episódios como a transformação da água em vinho (Jo 2,1-11), a cura do paralisado na piscina de Siloé (Jo 5,1-19), a cura do cego de nascença (Jo 9,1-41) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11,144) são exclusivos da tradição joanina. Além dos sete "sinais", o Jesus joanino revela um conhecimento sobrenatural de realidades ocultas (Jo 1,47-49; 2,24-25; 4,16-19; 5,6; 6,64.70.71; 13,1; 21,6). Embora não inteiramente ausente nos sinóticos, esse aspecto é mais destacado em João (Reid, 2012, p. 934). O quarto evangelista

geralmente não usa o termo² δυνάμεις³ "milagre"; prefere o termo⁴ σημείων⁵ "sinal" e, com menor frequência, ἔργα "obra". Para o autor de João, o milagre — e é por isso que ele diz: sinal — é claramente uma indicação que deixa transparecer a realidade de Jesus, sua glória escondida na carne (Maggioni, 2006, p. 321). Do cap. 5 em diante, nota-se inclusive uma mudança na terminologia: aparece o termo ἔργα "obra" (p. ex. Jo 5,36), mas sempre e exclusivamente nos lábios de Jesus. Este segundo termo acentua mais diretamente que, no gesto de Jesus, está presente a ação do Pai: o Pai age em e através de Jesus. Dessa forma, o sinal não revela simplesmente quem é Jesus, mas também, a face misericordiosa do Pai (Maggioni, 2006, p. 321). Observa-se ainda que, quando a fonte Quelle usa o termo sinais no plu-

ral, não pretende limitar-se aos sinais-milagres, mas quer dizer que toda a atuação do Cristo é um sinal. Sendo assim, os milagres não obrigam a crer; requerem uma capacidade de leitura, e por isso tornam-se juízo (Jo 12,37ss.). Além disso, censurase uma fé que se apoia exclusivamente nos sinais (Jo 2,23; 4,44). Ao lado disso destacase o crer sem ter visto (Jo 20,29).

Fator importante para uma leitura mais proveitosa deste evangelho está no fato de as histórias de milagre partirem de duas constatações: a terminologia usada pelo autor σημείων e ἔργα "sinais e obras" e a aparente contradição entre Jo 2,11 (o sinal revela Jesus e conduz à fé; cf. tb. Jo 20,30-31 e Jo 12,37ss.) e Jo 2,23 (Jo 4,48), onde Jesus parece não se fiar numa fé baseada em milagres e amiúde a censura (Maggioni, 2006, p. 321).

QUADRO 1 – Tradução do Texto

Texto grego (Nestle-Aland, 2016)	Tradução provisória
¹ Καὶ παράγων εἶδεν ἄνθρωπον τυφλὸν ἐκ γενετῆς.	E passando, viu um homem cego de nascimento.
² καὶ ἠρώτησαν αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ λέγοντες· ῥαββί, τίς ἤμαρτεν, οὗτος ἢ οἱ γονεῖς αὐτοῦ, ἵνα τυφλὸς γεννηθῆι.	E perguntaram a ele os discípulos dele dizendo: Rabi, quem pecou, este ou os genitores dele, para que cego nascesse?
³ ἀπεκρίθη Ἰησοῦς· οὔτε οὗτος ἤμαρτεν οὔτε οἱ γονεῖς αὐτοῦ, ἀλλ' ἵνα φανερωθῆι τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ ἐν αὐτῷ.	Respondeu Jesus: Nem este pecou nem os genitores dele, mas para que fossem manifestadas as obras de Deus nele.
⁴ ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με ἕως ἡμέρας· ἔστιν ἔρχεται νῦν ὅτε οὐδεὶς δύναται ἐργάζεσθαι.	Precisamos realizar as obras do que enviou-me enquanto dia é; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar.
⁵ ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ᾧ, φῶς εἶμι τοῦ κόσμου.	Enquanto no mundo estiver, luz sou do mundo.
⁶ Ταῦτα εἰπὼν ἔπτυσεν χαμαὶ καὶ ἐποίησεν πηλὸν ἐκ τοῦ πτύσματος καὶ ἐπέχρισεν αὐτοῦ τὸν πηλὸν ἐπὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς.	Estas coisas tendo dito, cuspiu no chão, fez barro com a saliva, aplicou dele o barro sobre os olhos

² Rusconi (2005, p. 138) define como: 1 "Faculdade, força, poder, potência; 2 "potência, força militar"; 3 "capacidade, aptidão, talento; 4 "influência, consideração, valor, preço".

³ Nida e Louw (2013, p. 713) o definem como: "capacidade para realizar certa atividade ou vivenciar certa situação – capacidade, habilidade – καθ' ὑπερβολὴν ὑπὲρ δύναμιν ἐβαρῆθημιν 'estive sob muita pressão, bem além de nossa capacidade (de suportar)'" (2Cor 1,8); "o potencial de fazer uso de força na execução de certa função – 'poder' ἀλλὰ λήμψεσθε δύναμιν ἐπελθόντος τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐφ' ἡμᾶς 'mas recebereis poder, quando o Espírito Santo descer sobre vós' (At 1,8, p. 606); ἄνδρα ἀποδεδειγμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ εἰς ἡμᾶς δυνάμειν καὶ τέρασιν 'um homem que vos foi manifestado por Deus através de grandes feitos e maravilhas' (At 2,22); "Alguém que tem o poder de exercer autoridade ou governar – 'governante' πέπεισμαι [...] οὔτε ἐνεστῶτα οὔτε μέλλοντα οὔτε δυνάμεις [...] ἡμᾶς χωρίσαι ἀπὸ τῆς ἀγάπης τοῦ θεοῦ 'estou certo de que [...] nem o presente nem o futuro nem qualquer governante [...] pode nos separar do amor de Deus' (Rm 8,38-39, p. 427); "O significado ou sentido de uma palavra ou afirmação – 'significado, o que quer dizer' ἐὰν οὖν μὴ εἰδῶ τὴν δύναμιν τῆς φωνῆς 'se não entendo o significado da língua (1Cor 14,11, p. 361).

⁴ Rusconi (2005, p. 416) o define como: 1. Sinal: a. indicio Mt 16,3; b. marca: Rm 4,11; c. selo, sinal de identificação (2 Ts 3,17); d. sinal, indicação (Mt 26,48); 2. Sinal: prodígio que exige e, portanto, supõe uma presença sobrenatural (Jo 2,11); a. σημεία καὶ τέρατα "sinais e prodígios" (Mc 13,22); σημεία καὶ δυνάμεις "sinais e portentos, sinais de poder" (At 8,13).

⁵ Nida e Louw (2013, p. 396) o definem como: "Um acontecimento que é considerado como tendo algum significado especial – 'sinal' εἰπέ ἡμῖν [...] τί τὸ σημεῖον τῆς σῆς παρουσίας 'dize-nos, qual será o sinal da tua vianda?' (Mt 24,3); σημείων, como um acontecimento com significado especial, era inevitavelmente uma ocorrência fora do comum ou até mesmo milagrosa. Assim, em vários contextos σημειον pode ser traduzido por 'milagre'. Este é, com certeza, o referente do termo σημεία em Jo 2,23: πολλοὶ ἐπίστευσαν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ θεωροῦντες αὐτοῦ τὰ σημεία ἃ ἔποιε 'muitos creram nele vendo os sinais que fazia'. Ainda segundo os autores, no Evangelho de João, "um σημείων é mais do que simplesmente um acontecimento milagroso; é algo que aponta para uma realidade que tem ainda mais significado e importância".

Texto grego (Nestle-Aland, 2016)	Tradução provisória
ἤ και εἶπεν αὐτῷ· ὕπαγε νίψαι εἰς τὴν κολυμβήθραν τοῦ Σιλωάμ, ὃ ἐρμηνεύεται ἀπεσταλμένος. ἀπῆλθεν οὖν και ἐνίψατο και ἦλθεν βλέπων.	e disse a ele: Vai, lava-te no tanque de Siloé (o que é interpretado "enviado"). Saiu, pois e lavou-se e retornou vendo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

QUADRO 2 – Tradução de Expressões

Texto	Segmentado
9,1	
a) Καὶ παράγων εἶδεν	e passando viu
b) ἄνθρωπον τυφλὸν	um homem cego
c) ἐκ γενετῆς	de nascimento
9,2	
a) καὶ ἠρώτησαν αὐτὸν	e perguntaram a ele
b) οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ λέγοντες	os discípulos dele dizendo
c) ῥαββί, τίς ἤμαρτεν	Rabi, quem pecou
d) οὗτος ἢ οἱ γονεῖς αὐτοῦ	estes ou os genitores dele
e) ἵνα τυφλὸς γεννηθῆ	Para que cego nascesse?
9,3	
a) ἀπεκρίθη Ἰησοῦς·	respondeu Jesus:
b) οὔτε οὗτος ἤμαρτεν	nem este pecou
c) οὔτε οἱ γονεῖς αὐτοῦ,	nem os genitores dele
d) ἀλλ' ἵνα φανερωθῆ	mas para que fossem manifestadas
e) τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ ἐν αὐτῷ	as obras de Deus nele
9,4	
a) ἡμᾶς δεῖ	a nós é necessário
b) ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα	fazermos as obras
c) τοῦ πέμψαντός με	do que enviou a mim
d) ἕως ἡμέρα ἐστίν	enquanto dia é.
e) ἔρχεται νύξ	vem a noite
f) ὅτε οὐδεὶς	quando ninguém
g) δύναται ἐργάζεσθαι	pode trabalhar
9,5	
a) ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ᾧ	enquanto em o mundo estiver
b) φῶς εἰμι τοῦ κόσμου	luz sou do mundo
9,6	
a) Ταῦτα εἰπὼν	estas coisas tendo dito
b) ἔπτυσεν χαμαὶ	cuspiu no chão
c) καὶ ἐποίησεν πηλὸν	e fez lama
d) ἐκ τοῦ πτύσματος	com a saliva
e) καὶ ἐπέχρισεν αὐτοῦ	e aplicou dele
f) τὸν πηλὸν ἐπὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς	o lodo sobre os olhos

Texto	Segmentado
9.7	
a) και εἶπεν αὐτῷ ὕπαγε	e disse ele vai
b) νίψαι εἰς τὴν κολυμβήθραν	lava-te no tanque
c) τοῦ Σιλωάμ	de Siloé
e) ὃ ρηγεύεται	o que é interpretado
f) ἀπεσταλμένος	enviado
g) ἀπῆλθεν οὖν και ἐνίψατο	Saiu, pois, e lavou-se
h) και ἦλθεν βλέπων	e veio vendo

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

3 Crítica textual

A Crítica Textual⁶ é muito importante⁷ dentro da exegese de um texto evangélico. Dado que ao longo dos tempos foi-se perdendo os autógrafos originais. Esse fato já traduz toda a sua importância pois, se os manuscritos apresentam divergências e não podemos recorrer aos originais, certamente a credibilidade do texto que chegou até nós estaria por demais ameaçada (Paroshi, 1993, p. 16). As possíveis variantes⁸ de um determinado texto exigem um trabalho crítico tanto da crítica externa quanto da interna. A crítica externa leva em consideração o aspecto físico dos manuscritos, ou seja, a quantidade com determinada palavra ou formulação, a qualidade dos manuscritos, a data e o lugar em que surgiram (Silva, 2022, p. 94). A crítica interna, ao contrário, analisa o texto propriamente dito: a articulação

das ideias, o vocabulário, o estilo e a teologia do autor (Silva, 2022, p. 94).

No v. 4, "ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με ἕως ἡμέρας ἐστίν· ἔρχεται νύξ ὅτε οὐδεὶς δύναται ἐργάζεσθαι 'Enquanto é dia, temos de realizar as obras do que enviou-me; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar'". A evidência externa favorece, ainda que de leve, a leitura que aparece como texto no Novo Testamento Grego. Além disso, é mais provável que copistas tenham alterado ἡμᾶς δεῖ (precisamos) para ἐμέ δεῖ (preciso), do que imaginar o processo inverso (Omanson; Scholz, 2010, p. 190). Quanto à leitura πέμψαντός ἡμᾶς (o que nos enviou), que não aparece em nenhum outro lugar no texto do QE, parece que a mesma foi introduzida em vários testemunhos para fazer o texto concordar com o ἡμᾶς δεῖ (precisamos) que aparece no início do versículo (Omanson; Scholz, 2010, p. 190). Ainda com relação à problemática

⁶ "A crítica Textual é a ciência e também a arte de estudar os manuscritos e traduções primitivas dos textos bíblicos que chegaram até nós. O principal objetivo do crítico do texto é chegar à sua forma original – ao autógrafo – por meio de todos os manuscritos disponíveis, situando as variantes que neles existem e examinando-as uma a uma, com o objetivo de integrar no texto estabelecido a variante mais precisa e remeter as restantes para o aparato crítico" (Manuel Júnior, 2016, p. 67).

⁷ "A necessidade da Crítica Textual advém do fato de que o Novo Testamento foi escrito em grego e em manuscritos cujos originais desapareceram. Esses manuscritos foram sucessivamente copiados no decorrer dos séculos, de modo que conhecemos milhares dessas cópias na atualidade. A maior utilidade da Crítica Textual reside no fato de proporcionar-nos um texto razoavelmente confiável das Sagradas Escrituras, que representa nossa base para questões de fé e conduta. Além disso, a Crítica Textual também pode mostrar, em vários versículos isolados, o início do processo de interpretação destes textos, exatamente pelas alterações que os copistas introduziram durante a cópia dos manuscritos. Por último, a Crítica Textual nos mostra que não é mais possível ter absoluta certeza quanto ao teor original de todos os versículos que perfazem a Bíblia como Palavra de Deus. Mesmo assim, o relativo consenso entre estudiosos quanto às variantes a serem preferidas mostra que, apesar de encontrar-se em 'vasos de barro' o conteúdo do genuíno evangelho de Cristo é perfeitamente audível e perceptível através do texto de nossa Bíblia" (Wegner, 2009, p. 39).

⁸ "As cópias dos autógrafos, por sua vez, converteram-se em originais no que diz respeito a outras cópias, e assim sucessivamente. Durante esse processo de cópias e recópias manuais, que se estendeu por 14 séculos até a invenção da imprensa, inevitavelmente muitos e variados erros foram cometidos, resultado natural da fragilidade humana. E, à medida que aumentavam as cópias, mais se multiplicavam as divergências entre elas, pois cada escriba acrescentava os próprios erros àqueles já cometidos pelo escriba anterior. E essas variantes textuais têm suscitado sério problema para os estudiosos do NT — dando margem para que os céticos questionem sua pureza textual: "Qual a forma correta do texto, ou que dizia exatamente o original?" (Paroshi, 1993, p. 16).

da crítica do v. 4⁹, Malzoni (2018, p. 180) traz a seguinte observação:

Para Jo 9,4a, há três grupos de leituras entre os manuscritos antigos: o primeiro grupo é o daqueles que apresentam formas na primeira pessoa do singular, fazendo a leitura: "É preciso que eu trabalhe nas obras daquele que me enviou". O segundo grupo é o daqueles que apresentam formas nas primeiras pessoas do plural, fazendo a leitura: "É preciso que trabalhemos nas obras daquele que me enviou". O terceiro grupo, bem restrito, mescla as duas outras leituras: "É preciso que trabalhemos nas obras daquele que me enviou". No primeiro grupo, estão as grandes tradições textuais: a Bizantina, a Vulgata e a Pechita. No segundo grupo, estão os papiros P⁶⁶ e o P⁷⁵. O principal representante é o códex Vaticano (B).

Temos ainda que a fórmula com ἐργάζεσθαι, lembra Jo 5,17. Vê-se ainda que o plural ἡμᾶς, é seguido pelo singular με. Os manuscritos mostram uma tendência a colocar o singular ou o plural em ambos os casos; ou seja, eles tendem a ser iguais; com o qual nosso texto (B D 1024, al.) é confirmado como original: O "nós" deve ser aqui tão intencional quanto em Jo 3,11, mas do Pai, Jesus diz sempre "quem me enviou" (Schnackenburg, 1980, p. 304). A fórmula πέμψαντός ἡμᾶς, que é uma expressão não-joanina, parece ter sido introduzida em diversos manuscritos, tais como P⁶⁶ e P⁷⁵ entre outros, como correlativa com ἡμᾶς δεῖ, no começo da sentença¹⁰.

No v. 6 (Ταῦτα εἰπὼν ἔπτυσεν χαμαὶ καὶ ἐποίησεν πηλὸν ἐκ τοῦ πτύσματος καὶ ἐπέχρισεν αὐτοῦ τὸν πηλὸν ἐπὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς; "Tendo dito isso, ele cuspiu no chão, fez lama com saliva e aplicou-a sobre os olhos do homem", sendo esta a redação grega mais bem atestada pelas diversas fontes (Brown,

2020, p. 643), tais como o Códice Vaticano (B) e alguns manuscritos leem ἐπέθηκεν (aoristo - pôs). A atual edição do NTG aceita o termo ἐπέχρισεν "ungiu-aplicou", pelo fato de estar presente nos Papiros 66.75, Códices Sinaitico, Alexandrino, Efraimida, Beza, Washington, Korideto, Laureense, 070, 0216, as famílias de minúsculos 1 e 13, minúsculos 33, o Texto Majoritário, todas as versões latinas e a versão siríaca (Nestle-Aland, 2016, p. 328).

4 Delimitação

A respeito da delimitação¹¹, o texto de Jo 9,1-7 pertence a Jo 9,1-41, que forma uma unidade literária coesa, tornando assim o capítulo 9 uma grande unidade literária. Quanto à Pericope de Jo 9,1-41, alguns autores ligam João 9 a Jo 7,1-8,59, excluindo-se a pericope da mulher apanhada em adultério¹² (Jo 7,53-8,11). Beutler (2016, p. 195), por sua parte, insere João 9 ao contexto mais amplo de Jo 7,1-10,21. Ele justifica essa ligação afirmando que se impõe sempre mais a opinião de que a inteira seção de Jo 7,1-10,42 é marcada pelo ciclo das festas judaicas.

Podemos constatar o início da narrativa em Jo 9,1 a partir de alguns indícios: mudança de cenário, passagem de diálogo de controvérsia para narrativa dramática com discursos; novo local, agora fora do templo; outros personagens, em que o narrador insere na narrativa, como Jesus, seus discípulos e o homem cego, tratando-se, portanto, de um tema novo. Essa mudança é introduzida de forma simples e discreta. Apenas se narra que Jesus ia passando quando, de

⁹ "Temos [...] me enviou. Esta é a redação dos melhores manuscritos, mas algumas testemunhas têm tentado excluir a diferença na pessoa: 'Temos [...] me enviou', ou 'Eu tenho [...] me' [...] é bem provável que o 'temos' seja a forma de Jesus associar seus discípulos com ele em sua obra. Que ele deseje esta associação, é visto em 4,35-38; note também que na introdução ao capítulo 11, a qual tem muito em comum com a introdução ao capítulo 9, o uso da primeira pessoa plural é frequente" (Brown, 2020, p. 641).

¹⁰ "Os melhores manuscritos dizem façamos, e não faço, porquanto o original usa o plural, e não o singular. O número plural aparece nos mss P (66), P (75), Aleph, BDL (e alguns outros), tendo sido citado assim pelo pai Orígenes. Há evidências avassaladoras em prol do plural, e alguns dos manuscritos evidentemente foram modificados para o singular me" (Champlin, 2002, p. 425).

¹¹ Importante ressaltar que a divisão do texto bíblico em capítulos e versículos não faz parte do texto original, ou seja, não remonta aos próprios autores bíblicos. Os textos eram copiados e recopiados por copistas em rolos e códices e assim permaneceu pelo período de mais de mil anos. Wegner (2009, p. 84) nos informa que "a atual divisão do Novo Testamento em capítulos é atribuída a Stephan Langton, arcebispo de Cantuária em 1227. Em 1551, na 4ª edição do Novo Testamento grego, o editor parisiense Robert Stephanus introduziu a divisão do NT, adotada até os nossos dias".

¹² De acordo com Casalegno (2009, p. 287), "A ligação da pericope com os capítulos 7 e 8, relativos à polêmica com os judeus é indicada pelos seguintes elementos literários: a frase: 'sou a luz do mundo' (9,5) está relacionada com a expressão: 'Eu sou a luz do mundo' que Jesus proclama no último dia da festa das Tendias (8,12). O cego fica curado lavando-se na piscina de Siloé (9,7), cuja água possui grande importância na liturgia da festa (7,37-38). Os adversários com os quais o cego se confronta também são os mesmos da festa, isto é, judeus e fariseus (9,13.15.16.18.22.40; cf. 7,1.2.11.13.15.32.35.45.47.48; 8,13.22.31.48.52.57). Também os temas da fé, da incredulidade e do juízo têm função de ligação".

repente, viu um homem cego de nascimento (Jo 9,1). Dessa forma, há aqui um início que contrasta com o final da narrativa anterior (Jo 8,59). Da mesma forma, o episódio da cura pode ser dado por encerrado no v. 7, que narra que o cego, após lavar-se nas águas da piscina, recuperou a vista. O v. 8 introduz novos personagens, discorrendo agora sobre o processo do pós-cura. Temos assim uma grande trama teológica em que o agora ex-cego terá de enfrentar em sua nova vida. Ele sai de sua condição de indivíduo passivo, que vivia totalmente sob uma cegueira plena e total, para uma vida de sujeito atuante e portador de uma nova visão, capaz de agir por sua própria conta e risco.

5 Estrutura

Este texto faz parte de um contexto literário e teológico de um texto mais amplo (Jo 9,141). Analisaremos como a perícopie está estruturada literariamente em torno dos fatos narrados e dos objetivos do autor. Vale destacar que em relação à estrutura não há absoluto consenso, uma vez que especialistas e comentaristas têm pontos de vista diferentes a respeito da sua estrutura.

O ato milagroso é narrado em poucas palavras, pois o centro do episódio está voltado mesmo para as discussões geradas por tal milagre. A narrativa de Jo 9 segue numa linha progressiva: aquele que outrora era cego, evolui progressivamente para a luz. O cego aproximase passo a passo do reconhecimento, da fé em Jesus como Messias e Filho de Deus, ao passo que os fariseus mergulham sempre mais nas trevas de sua incredulidade (Beutler, 2016, p. 234).

O texto de João 9 é emoldurado pela cristologia que se manifesta em diferentes degraus, lavando as pessoas destinatárias a também confessarem Jesus como Messias: partindo do "homem" (v. 9), passando pelo "profeta" (v. 17) e alguém "que vem de Deus" (v. 33), até o "Filho do Homem" (vv. 35-38). Dessa forma, Jesus se revela passo a passo como a "luz do mundo" (v. 5) (Beutler, 2016, p. 235).

O episódio de João 9 pode ser sintetizado em três grupos de duas cenas (vv. 1-7,8-12; 13-17,18-

23; 24-34,35-41). Beutler (2016, p. 235) afirma que nesse esquema, "[...] nas duas primeiras cenas trata-se do 'acontecimento', na terceira e na quarta, do 'processo', nas duas últimas, do julgamento". Numa leitura atenta do texto podemos perceber que o processo narrativo gira em torno de três perguntas fundamentais que estruturam a trama: a cura da cegueira; como ela aconteceu e quem a realizou.

Beutler (2016, p. 235) afirma que podemos perceber um desenvolvimento de "milagre" para "sinal". De acordo com ele, podemos distinguir quatro modos de reação:

- 1) os que não fazem perguntas (os vizinhos do cego de nascença);
- 2) os que fazem perguntas, mas não acreditam (os fariseus);
- 3) os que creem, mas não mostram esta fé (os pais do cego);
- 4) os que se fazem perguntas, creem e confessam esta fé (o próprio cego, através dos diversos 5) degraus de sua confissão cristológica).

Konings (2017, p. 275-276), por sua vez, tem ponto de vista diferente a respeito da estrutura desta perícopie. Ele defende uma subdivisão em sete cenas para toda a perícopie de João 9:

- 1) O sinal como tal (Jesus, os discípulos, o homem cego) (9,1-7);
- 2) As primeiras reações adversas: os vizinhos e conhecidos (9,8-12);
- 3) Os fariseus interrogam o ex-cego (9,13-17);
- 4) Os judeus interrogam os genitores do ex-cego (9,18-23);
- 5) Novo interrogatório e expulsão do homem curado (9,24-34);
- 6) O reencontro de Jesus com o homem que agora vê e a profissão de fé (9,35-38);
- 7) Os cegos que não querem ver: as autoridades (9,39-41).

Há, evidentemente, diversas outras formas de se ler a estrutura desta perícopie. Todas podem

estar corretas.

6 Coesão interna

Nosso texto encontra-se integralmente coeso com Jo 9,1-41. Isto significa que ele foi elaborado para ser lido como um único texto, apesar de, como no nosso caso, poder-se recortar.

No início, temos Jesus que, ao passar, vê um homem cego de nascença, que está fora do templo. Jesus é interrogado por seus discípulos a respeito das causas de tal cegueira. Após responder aos discípulos, ele cuspe no chão, faz lama e aplica-a sobre os olhos do cego, ordenando-lhe ir lavar-se no tanque de Siloé (Jo 9,1-7a). O cego vai lavar-se, recupera a visão (9,7b). Jo 9,1-7 está ligado coesamente à toda pericope de Jo 9,1-41. Em Jo 9,2, a cegueira é atribuída ao pecado, seja do cego ou de seus pais; em Jo 9,41, a cegueira dos fariseus é que os leva a permanecerem no pecado.

Quanto à narrativa de milagre em si, de modo geral se aceita a presença de material primitivo nos vv. 1 e 6-7, o núcleo do relato da cura, como sendo a fonte do material antigo que serviu de base para a história da cura do cego (Meier, 1998, p. 226-227). Os diálogos que se seguem, geralmente, são atribuídos à tradição pré-joanina independente, também chamada "fonte dos sinais" (Meier, 1998, p. 227; Beutler, 2016, p. 234).

7 Análise do uso das fontes bíblicas

Esta narrativa da cura do cego de nascença, provavelmente, foi influenciada direta ou indiretamente pela tradição da cura do cego de Bet-saida (Mc 8,22-26). Também não se deve excluir de toda a tradição da cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52).

Exegetas têm demonstrado que o relato da cura do cego de nascença foi criado a partir de uma fonte anônima pré-joanina. Esta fonte se constitui basicamente de três versículos. Seguindo nesta proposta, o relato originário seria tal como segue: "E passando, viu um homem cego de nascença [...] cuspiu no chão, fez barro com a saliva, aplicou dele o barro sobre os olhos e disse a ele: Vai, lava-te no tanque de Siloé (o que

é interpretado "enviado"). Saiu, pois, e lavou-se e retornou vendo" (Jo 9,1.6.7) (Meier, 1998, p. 227).

Para a relação entre pecado e enfermidades físicas (v. 2), provavelmente o autor se utilizou de uma concepção teológica muito comum entre judeus de seu tempo, que remete à tradição do Antigo Testamento (Ex 20,5; 34,7b; Nm 14,18; Dt 5,9; Jr 31,29-30; Ez 18,2; Is 65,7; Sl 109,13-14). Também autores de outros livros como Tobias, Sabedoria e Eclesiástico fazem alusão a essa tradição religiosa (Tb 3,3-4; Sb 4,9-10; Eclo 5,7). Finalmente temos influência desta tradição também no NT (Lc 13,2-4). A referência a Jesus como "luz do mundo" (v. 5) encontra uma correlação no profeta Isaias (Is 42,6.16; 45,7; 49,6; 58,8; 60,3). O ato de Jesus cuspir no chão e ungir os olhos do cego pode encontrar uma correlação em Is 6,10; 29,9; 64,7. O texto que descreve Iahweh Deus modelando o ser humano com a argila do solo (Gn 2,7) (Mateos; Barreto, 1999, p. 42), bem como o que faz o ser humano lembrar-se de que foi feito do barro e voltará ao pó (Jo 10,9) podem ter servido como fontes de inspiração para o autor joanino. Difícil também não pensar na narrativa da cura do cego em Marcos (8,23-25) como fonte de inspiração, direta ou indiretamente para a cena de Jesus em João 9,6. A atitude de Jesus de mandar o homem ir ao tanque de Siloé tem fortes semelhanças com o episódio do profeta Eliseu, que ordena ao sírio Naamã ir até o Jordão para lavar-se (2Rs 5,10-11). João 9,7 ainda guarda referência ao texto do profeta Isaias, referindo-se às águas de Siloé (Is 8,6).

8 Análise do conteúdo

A história da cura de um cego de nascença pertence às histórias joaninas de sinais e, como relato de um milagre, tem uma história de tradição independente, anterior ao quarto evangelho. No entanto, dificilmente podemos descobrir nela um relato de cura original e préjoanino, porque a narração está tão fortemente carregada de linguagem e mentalidade joaninas que em sua redação atual devemos tomá-la como "narração joanina" (Blank, 1991, p. 193). As diversas afirmações e reflexões mostram que esta narração foi

elaborada por completo dentro da teologia dos sinais. É verdade que podemos ver na cura de cegos nos sinóticos (Mc 8,22-26 e 10,46-62) certos paralelos objetivos, mas a forma e a finalidade do relato são totalmente diferentes. A diferença em relação aos sinóticos aparece sobretudo na discussão anexa, bem como no fato de que Jesus toma a iniciativa da cura, o que é comum nas narrações joaninas de milagres (Blank, 1991, p. 193).

A narrativa tem seu ponto de partida em Jo 8,59, no episódio em que, após os acusadores de Jesus tentarem apedrejá-lo, ele oculta-se e sai do templo. Em Jo 9,1, ele anda livremente com seus discípulos, vê o homem cego, que também se encontra fora do templo. Jesus, assim devemos imaginar os fatos, sai do templo e vê provavelmente em um dos pórticos, onde costumavam mendigar todo tipo de pessoas miseráveis (At 3,2), um cego de nascença (v. 1). O fato de que era "cego de nascença" é colocado em destaque. Isto serve para destacar a grandeza do milagre (Blank, 1991, p. 194).

A narrativa apresenta Jesus que está passando. Esta fórmula já é consagrada na literatura sinótica (Mc 1,16; 2,14; Mt 9,27), "viu um homem cego de nascença" (Jo 9,1). Temos aqui um forte paralelo com o relato da cura do aleijado de Betesda, onde Jesus vê um homem paralisado (Jo 5,6). Em ambos os casos, Jesus fica sabendo de antemão o tempo de enfermidade da pessoa. O paralisado sofre há 38 anos e o cego nunca viu a luz da vida (Jo 5,6; 9,1). Ao paralisado ainda resta algum fio de esperança (5,7), ao cego, porém, não resta nenhuma esperança (Jo 9,1). Por isso não pede a cura, não toma nenhuma atitude. Tanto o paralisado quanto o cego são mortos vivos (Mateos; Barreto, 1999, p. 425). Os dois episódios são seguidos de controvérsias entre o protagonista e os judeus, depois entre Jesus e estes. Pois tanto o sinal do andar quanto o da visão têm o fato em comum de mostrar a transformação por Jesus da condição humilhante e sofridora do ser humano (León-Dufour, 1996, p. 227). O autor dos Atos dos Apóstolos nos relata dois casos de pessoas que

são aleijadas desde o nascimento (At 3,2; 14,8).

A cegueira era comum no antigo Oriente Médio. A Bíblia conhece apenas duas formas de cegueira. 1) a oftalmia, (McKenzie, 2013, p. 144) uma doença altamente contagiosa, agravada pelo brilho do sol, pela poeira, pela areia e pela falta de higiene. Em sua forma mais leve, envelhece os olhos e enfraquece a vista. Ela é frequentemente citada na Bíblia. Cegos são mencionados nos livros de 2 Samuel e de Tobias (2Sm 5,6-8; Tb 2,10-14), e sua sorte é descrita em Isaías 59,10; Jr 31,8; Sf 1,17. A lei mosaica (Born, 1977, p. 259) contém diversas prescrições a respeito da forma sobre como se deve lidar com os cegos, quando proíbe que se ponha um obstáculo diante de um cego (Lv 19,14b) ou quando afirma que "maldito seja aquele que extravia um cego pelo caminho" (Dt 27,18). Há também exemplos positivos de caridade para com cegos (Jo 29,15; cf. Lc 14,13). Pessoas cegas não podiam exercer a função de sacerdotes, da mesma forma que um animal cego não podia ser oferecido em sacrifício (Lv 21,18; 22,22; Dt 15,21; Ml 1,8). Há casos em que se furava os olhos de alguém como forma de punição (2Rs 25,7; Pr 30,17). A Bíblia cita ainda causas de cegueira como castigo de Deus pelos pecados (Gn 19,11; Dt 28,28-29; 2Rs 6,18; Is 29,9; Zc 12,4).

Temos também a cegueira espiritual: esta pode acontecer como consequência de se aceitar presentes e ou subornos (Êx 23,8; Dt 16,19); de pecados (Is 6,10; 43,8; cf. Jo 12,40), da ignorância (Is 42,7,16; Rm 2,19; 2Cor 4,4; 2Pd 1,9), da negligência (Is 56,10), da soberba (Ap 3,17) e do ódio fraterno (1Jo 2,11). A salvação messiânica é descrita como luz para os cegos (Is 35,5; 42,16,18; 43,8; Jr 31,8; cf. Sl 146,8). Os fariseus são apresentados como cegos conduzindo outros cegos (Mt 15,14; Lc 6,39). A cura da cegueira é apresentada como um dos sinais da missão messiânica de Jesus (Mt 11,5; Lc 7,22). No caso da cegueira temporária de Paulo (At 9,8,18), pode se tratar de cegueira física ou simbólica/espiritual (McKenzie, 2013, p. 144).

Quanto à enfermidade, como causa de pecado pessoal ou coletivo, trata-se de uma concepção

muito difundida no mundo antigo¹³. Havia um vínculo muito estreito entre pecado e enfermidades físicas (Êx 9,8-12; Sl 38,2-9; Jr 31,29-30; Ez 18,2-3). No tocante a enfermos de nascença, certos rabinos atribuíam a falta aos pais do doente; outros à própria criança, no período de sua gestação (Bíblia [...], 1994, p. 2064, nota h). O fato de o homem ser cego de nascença apresenta aos discípulos um problema muito em voga que se revela na pergunta: "Quem 'pecou', ou é culpado, pelo fato de este homem ter nascido cego, ele mesmo ou os genitores dele?" (v. 2). Trata-se aqui da problemática da assim chamada crença na retribuição compensadora, isto é, na convicção de que uma conduta correta e conforme ao mandamento de Deus, necessariamente terá consequências boas, ao passo que uma conduta má terá necessariamente consequências funestas (Blank, 1991, p. 194).

No encontro com o cego de nascença, ainda está presente nos discípulos a ideia de que tudo provinha de Deus: bênção ou maldição, recompensa ou castigo tinham uma relação direta com o comportamento humano para com a divindade (Mazzarolo, 2001, p. 123). Jesus, por sua vez, corrige essa corrente ideológica negativa. Ele constata o fato da enfermidade e age tendo em vista assegurar ao homem sua plena integridade física. Assim fazendo, manifestará às pessoas sua origem divina e as convidará a receberem a luz verdadeira (Bíblia TEB, 1994, p. 2064, nota i).

Os vv. 3b-5, compostos por partículas como ἀλλ' ἵνα (Jo 1,8,31; 3,17; 11,52; 12,9,47; 13,18; 14,31; 15,25) "para que" e pelo verbo φανερωθῆ "manifestar-se" são tipicamente joaninos, da mesma

forma que o termo τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ "as obras de Deus", que só aparece no quarto evangelho. O discurso de Jesus de que "precisamos realizar as obras do que enviou-me enquanto dia é" (Jo 9,4) encontra paralelos no anúncio de que sua missão terrena seria por tempo limitado (Jo 7,33-36; Jo 12,35-36; Jo 13,33). A referência a Jesus como "luz do mundo" (Jo 9,5) está relacionada com diversos textos do Antigo Testamento (Sl 119,105b; Is 2,5; 42,6c; 49,6; 58,8; 60,1,3; Mq 7,8 cf. Jo 1,5,9; Jo 7,33; Jo 8,12; Jo 11,9; Jo 12,35).

O ritual da cura do cego é rico em detalhes, alguns dos quais não se encontram na tradição sinótica, à qual provavelmente o autor joanino se reporta. Jesus cospe no chão, faz barro com a saliva¹⁴ e aplica o barro sobre os olhos (do cego) (Jo 9,6-7). Jesus faz três gestos e dá uma ordem ao cego. O gesto de Jesus manuseando o barro pode ser uma clara referência ao primeiro relato da criação (Gn 2, 4b-25). A respeito desse gesto, Casalegno (2009, p. 290) traz a seguinte informação:

A saliva, utilizada com frequência nas práticas de magia da época, era considerada um meio terapêutico de primeira qualidade; Jesus se serve dela também em outros milagres. A lama empastada com a saliva não é só colocada nos olhos do doente, mas "espalmada" neles como se fosse um unguento (*epikriain*), com provável referência às qualidades terapêuticas da terra.

A ação de Jesus, entretanto, não surte efeito imediato, pois o cego só fica curado quando segue à ordem de Jesus e vai lavar-se no tanque¹⁵ de Siloé. Este tanque estava situado na cidade (2Rs 20,20; Is 8,6; Ne 3,15). O ato de Jesus mandar o homem lavar-se no tanque de Siloé (Jo 9,7)

¹³ O livro de Jó levanta uma séria discussão teológica e social a respeito do sofrimento humano, da transformação pessoal e social, do bem e do mal, da doutrina da retribuição, entre outros. Trata-se de uma convicção de que, partindo de uma conduta correta conforme o mandamento de Deus, a pessoa terá como certa uma vida completamente abençoada, ao passo que uma conduta não conforme a lei divina necessariamente culminará numa vida desgraçada. Partindo desse pressuposto, o livro nos apresenta o personagem, como alguém acima de qualquer suspeita: "Havia na terra de Hus um homem chamado Jó: era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal" (Jo 1,1). Vemos que Jó é inesperadamente provado em sua fidelidade a Deus, ao ver-se completamente arruinado, com a perda dos bens materiais, de sua descendência (filhos e filhas) e atormentado pelo sofrimento e doença. Entretanto, ao manter-se fiel, ganha de volta novos filhos e filhas, riqueza material em dobro. Como poderia um homem tão reto e tão justo como ele, ser tão castigado por Deus com tantas desgraças? Como num passe de mágica ele recupera tudo de novo? Jó levanta uma questão muito presente no tempo da composição da obra; no tempo das comunidades cristãs primitivas e ainda presente nos dias de hoje.

¹⁴ Quanto ao uso da saliva, vemos que Jesus já aplicara em duas ocasiões anteriores, no episódio da cura do surdoadado (Mc 7,32-34) e do cego de Betsaida (Mc 8,22-25).

¹⁵ "A fonte de Gion (1Rs 1,33) ficava fora da cidade. Ezequias mandou cavar na rocha um túnel para de lá conduzir água à piscina chamada de Siloé (Jo 9,7), o 'reservatório' de Is 22,11 e Eclo 48,17, no interior das muralhas. Este canal substituiu outro, mais antigo, cavado em parte a céu aberto no lado oriental do monte Sião, e que levava as águas a outra piscina, situada um pouco mais abaixo que a piscina de Siloé (Is 7,3; 2Rs 18,17 = Is 36,2; Is 22,9)" (Bíblia [...], 2017, p. 537, nota i).

tem algumas semelhanças com o episódio em que Eliseu manda Naamã lavar-se no Jordão (2Rs 5,10-13). O significado de "enviado"¹⁶, atribuído a Siloé¹⁷ pelo narrador pode ser uma referência a Jesus como o "enviado", um dos títulos de Jesus (cf. Jo 4,34). Podemos ter aqui, no gesto do homem lavar-se nas águas, uma provável referência ao ritual do batismo da igreja cristã primitiva.

9 Tradução alternativa

¹E passando, Jesus viu um homem cego de nascença. ²E os discípulos perguntaram a ele dizendo: Rabi, quem pecou, ele ou os pais dele, para que nascesse cego? ³Jesus respondeu: Nem ele pecou nem os pais dele, mas é para que fossem manifestadas nele as obras de Deus. ⁴Precisamos realizar as obras do que me enviou enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. ⁵Enquanto estou mundo, sou a luz do mundo. ⁶Estas coisas tendo dito, cuspiu no chão, fez barro com a saliva, aplicou o barro sobre os olhos do cego⁷ e disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (o que significa "enviado"). Ele foi, lavou-se e retornou vendo.

10 Atualização

Uma análise exegética em textos bíblicos deveria ter seu desfecho numa atualização que fosse capaz de contribuir teológica e pastoralmente para o leitor e a leitora de hoje, tendo como base a importância que se deveria dar à leitura atualizada de textos bíblicos. Como bem nos informa Egger (1994, p. 206):

Uma leitura atualizante busca no texto bíblico uma orientação para a interpretação e um estímulo para realizar o próprio caminho. O livro bíblico, que tem sua origem no passado, é interrogado por um leitor que é movido por interrogações do nosso tempo e que busca na Bíblia uma resposta aos problemas vitais e uma orientação para o agir.

Nesta perspectiva, dever-se-ia dar mais impor-

tância para a leitura atualizante, uma vez que nela

O texto bíblico não é mais lido com a distância própria da leitura histórica, mas no sentido de um texto "atual", que hoje interpela a leitora e o leitor enquanto oferece orientações, ensinamentos e estímulos para o nosso tempo e ajuda a interpretar a própria vida e a resolver os problemas postos pelo nosso tempo (Egger, 1994, p. 207).

Neste sentido, o intérprete e a intérprete devem sempre levantar o seguinte questionamento: que mensagem posso extrair desse texto para os dias de hoje? Como ele pode ser aplicado aos problemas culturais, econômicos, políticos e religiosos dos tempos atuais? Como ele pode ser aplicado e gerar vida às nossas comunidades cristãs de hoje? Que frutos de conversão ele pode produzir em minha vida cristã e acadêmica? Como posso tornar-me uma pessoa mais engajada no seguimento de Jesus Cristo e com sua causa libertadora hoje?

Ainda na linha de pensamento de Egger (1994, p. 207), podemos afirmar que:

Hoje, em particular na exegese pastoral, sente-se a exigência de atualizar a Escritura: só quando for superada a ruptura entre a aproximação acadêmica à Escritura e os problemas cotidianos, ou seja, entre o estudo de gabinete e luta cotidiana pela existência, poder-se-á dizer que o estudo da Escritura atingiu o seu objetivo.

A nós, cristãos e cristãs, que acolhemos os textos bíblicos como Palavra de Deus normativa e orientadora para nossas vidas, precisamos continuar com o estudo críticocientífico, mas também teológico-pastoral. Dessa forma, será possível traduzir os textos bíblicos de uma forma histórica, crítica, e que contribua social e teologicamente para as práticas missionárias e vivências dos tempos atuais.

Nesta perspectiva, passemos agora ao esboço de nosso texto comentado já agora numa perspectiva não tanto acadêmica, mas pastoral,

¹⁶ "Talvez o autor se baseie na interpretação messiânica do termo silôh de Gênesis 49,10b (com a letra final hê e não hêt), aplicado ao Messias descendente de Davi que pode significar 'aquele ao qual pertence' o cetro" (Casalegno, 2009, p. 291).

¹⁷ Importante destacar a interpretação do nome de Siloé, pelo narrador. Maggioni nos informa que a forma hebraica é um participio ativo ("que manda") aludindo ao canal que alimenta o tanque. Ao passo que João interpreta o nome como se fosse um participio passivo: enviado, aludindo assim ao Messias, o enviado do Pai. Para Maggioni (2006, p. 381), João quer deixar evidente: é Cristo quem cura, não a água.

procurando trazer uma explicação mais simples e atual para a mulher e o homem de fé de hoje.

11 Escopo de Jo 9,1-7

Na base do capítulo 9 temos a narrativa da cura de um homem cego. O texto inicia com Jesus passando por certo lugar e vendo um homem cego (mais à frente o narrador diz tratar-se de uma cegueira de nascença). Os discípulos de Jesus, por sua vez, assumem a postura tradicional da cultura da época, atribuindo a cegueira do homem a consequências de algum pecado cometido no passado, seja por ele mesmo ou por seus familiares. É provável que muitas pessoas, que de uma forma direta ou indireta tiveram algum contato com o homem cego tenham emitido semelhante juízo em relação à sua cegueira. Afinal de contas, na sociedade de então não se admitia uma pessoa com qualquer deficiência que não fosse consequência de um passado de erros, seja da própria pessoa ou de seus familiares. Ou seja, tal como hoje, é muito mais fácil emitir um juízo de condenação a alguém por algum mal que lhe acomete do que compadecer-se dessa pessoa, solidarizar-se com ela e ajudá-la a se libertar da situação de sofrimento. Jesus, ao invés de embarcar na onda preconceituosa e acusatória da maioria representada pelos discípulos, enxerga na cegueira do homem uma oportunidade para Deus agir de forma misericordiosa e libertadora. Ele mesmo (sem que o cego solicite) toma a iniciativa de libertá-lo de tal situação de quase morte e devolver-lhe a dignidade de um verdadeiro "filho de Deus". Ao homem cego coube apenas obedecer à palavra de Jesus, que o mandou ir lavar-se nas águas de Siloé. Essa postura de obediência, no entanto, acabou revelando-se num grande passo para mudança de vida. O homem que até então vivera na cegueira plena, passa a experimentar uma vida nova, um novo recomeço, ele foi uma das ovelhas que "ouviu a voz do pastor" e passou a viver "vida em plenitude" (Jo 10,10).

12 Conclusão

À guisa de conclusão, apresentamos um resumo do que foi estudado ao longo desta pesquisa

exegética, com a finalidade de alcançar os objetivos inicialmente propostos por esta pesquisa.

No início, desenvolvemos o estudo das características gerais do evangelho segundo João, que nos conduziu a um melhor entendimento da forma como ele está organizado, para assim atingir as pessoas da comunidade de forma mais eficaz. Esse evangelho não usa termos tão requintados, mas palavras que trazem consigo grandes significados teológicos, tais como: sinais; obras; em verdade, em verdade vos digo/te digo. O gênero literário que mais aparece é o do diálogo com muita vivacidade, que indica um movimento entre os personagens, tanto de lugar quanto de tempo. O Jesus joanino transita muito entre a Galileia e Jerusalém, num período de aproximadamente três anos consecutivos, em três festas da Páscoa.

A certeza de que Jesus realizou muitos outros sinais é confirmada nas duas conclusões do evangelho (Jo 20,30; 21,25). Para o autor, o que está registrado por escrito é suficiente e tem a finalidade de fazer com que todas as pessoas a quem a obra é endereçada creiam que Jesus é o Cristo, Filho de Deus e dessa forma tenham a vida em seu nome.

No estudo dos sinais, uma peculiaridade deste evangelho, percebemos que o evangelista deixa claro que a ação de Deus, por meio de Jesus, acontece quando ouvimos e realizamos a sua palavra (Jo 2,5,7; 5,8; 9,6-7, 11,43). Grande importância é dada à manifestação dos sinais de Jesus durante a realização das principais festas dos judeus, período em que se celebrava a memória da ação libertadora de Deus na história do povo de Israel (festa da Páscoa, de Pentecostes e das Tendras).

Ao longo dessa pesquisa, constatou-se que a comunidade joanina era constituída por diferentes grupos, tais como samaritanos, batistas, judeus e helenistas que, a partir da proclamação do Evangelho, aderiram à fé em Jesus Cristo e que, posteriormente, vivenciaram intensos conflitos com diferentes grupos.

Referências

BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: comentário*. Tradução: Johan Konings. São Paulo: Loyola, 2016.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2017.

BÍBLIA TEB – Nova edição: tradução ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1994.

BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João: 1ª Parte B*. Petrópolis: Vozes, 1991.

BORN, A. van den. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1977.

BROWN, Raymond Edward. *Comentário ao Evangelho segundo João*. Santo André: Academia Cristã: Paulus, 2020. v. 1.

CASALEGNO, Alberto. *Para que contemplem a minha glória (João 17,24): introdução à teologia do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2009.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica/ versão 2.0*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2022.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. São Paulo: Loyola, 1994.

KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: introdução ao estudo da Bíblia*. 8. ed. atualizada. Petrópolis: Vozes, 2017.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João II*. São Paulo: Loyola, 1996.

MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. Tradução: Johan Konings. São Paulo: Loyola, 2006.

MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MANUEL JÚNIOR, Alexandre. *Exegese do Novo Testamento: um guia básico para o estudo do texto bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

MAZZAROLO, Isidoro. *Nem aqui, nem em Jerusalém*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2001.

McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2013.

MEIER, John Paul. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

NIDA, Eugene; LOUW, Johannes. *Léxico grego-português do Novo Testamento*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego"*. São Paulo, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAROSHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

REID, Daniel G. (org.). *Dicionário teológico do Novo Testamento: compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade*. São Paulo: Vida Nova: Loyola, 2012.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário de grego do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *O Evangelho segundo São João: versão e comentário*. Barcelona: Editorial Herder, 1980. v. 2.

TUÑI VANCELLS, Josep-Oriol; ALEGRE SANTAMARÍA, Xavier. *Escritos joaninos e cartas católicas*. 2. ed. Tradução: Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave Maria, 2007.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

Manoel da Silva Andrade

Mestre e Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, Brasil.

Flávio Schmitt

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Paulo, Brasil. Professor da Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, Brasil.

Endereço para correspondência

Manoel da Silva Andrade

Flávio Schmitt

Escola Superior de Teologia

Rua Amadeo Rossi, 467

Morro do Espelho, 93.030-220

São Leopoldo, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.